



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

20 de maio de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 139

O Mediterrâneo Oriental e o papel da Itália como distribuidora de gás natural na Europa

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



BOLETIM

GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando responder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VÍCTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VÍCTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VÍCTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÍŠ ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VÍCTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Amazônia, Pampa, Cordilheira e o espaço marítimo sul-americano.....	5	A parceria estratégica sino-russa na década das inovações	11
Crise colombiana e a necessidade de um novo paradigma de segurança regional.....	6	Japão e Estados Unidos: necessidade de cautela nas relações?	12
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Digitalização de infraestruturas críticas e suas vulnerabilidades nos EUA.....	7	Marinha indiana, o grande impulsionador da nação?	13
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
A agenda climática global e a África na nova geopolítica verde	8	A milícia marítima vietnamita e seu papel no Mar do Sul da China	14
EUROPA		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
O Mediterrâneo Oriental e o papel da Itália como distribuidora de gás natural na Europa.....	9	A política dos quebra-gelos e a geopolítica do Ártico	15
Defesa europeia: as divergências entre Paris e Berlim	10		
RÚSSIA & Ex-URSS			
O Dia da Vitória e a identidade nacional russa: para além de um desfile militar	11	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	16
		Calendário Geocorrente.....	16
		Referências.....	17
		Mapa de Riscos.....	18

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

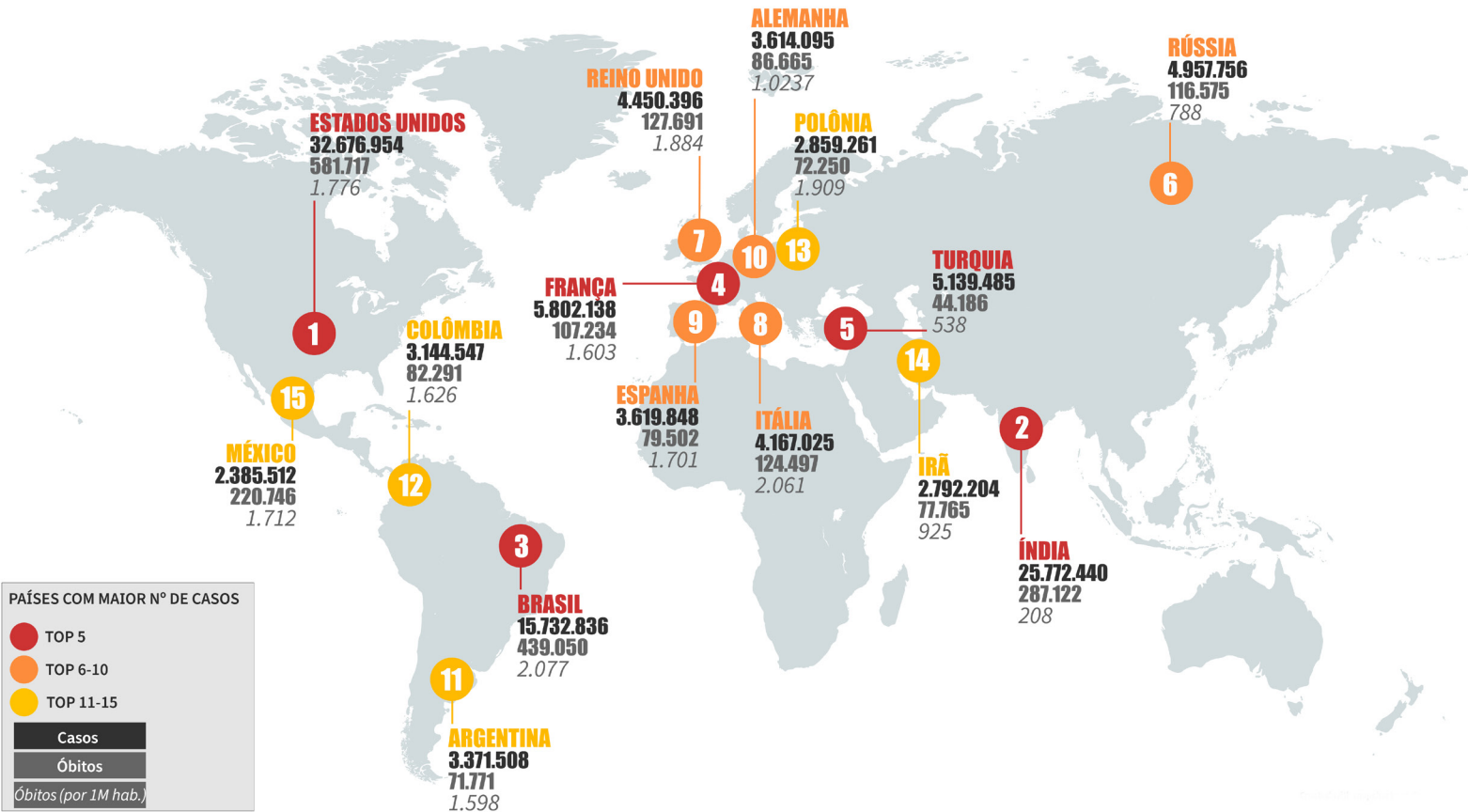
Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 20 de maio de 2021.



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China**	449,5 (1°)	32	-	Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Estados Unidos	277,2 (2°)	84	48 (12°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Índia	186,4 (3°)	14	11 (68°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca Moderna
Reino Unido	57,8 (4°)	87	55 (6°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Brasil	55 (5°)	26	18 (54°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac
Alemanha	41,5 (6°)	50	38 (18°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
França	30,2 (7°)	45	32 (31°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Itália	28,8 (8°)	48	33 (26°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
Turquia	26,8 (9°)	32	18 (52°)	Pfizer/BioNTech Sinovac
Rússia	24,8 (10°)	17	10 (75°)	EpiVacCorona Sputnik V

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).

**O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

Amazônia, Pampa, Cordilheira e o espaço marítimo sul-americano

Carlos Silva Júnior

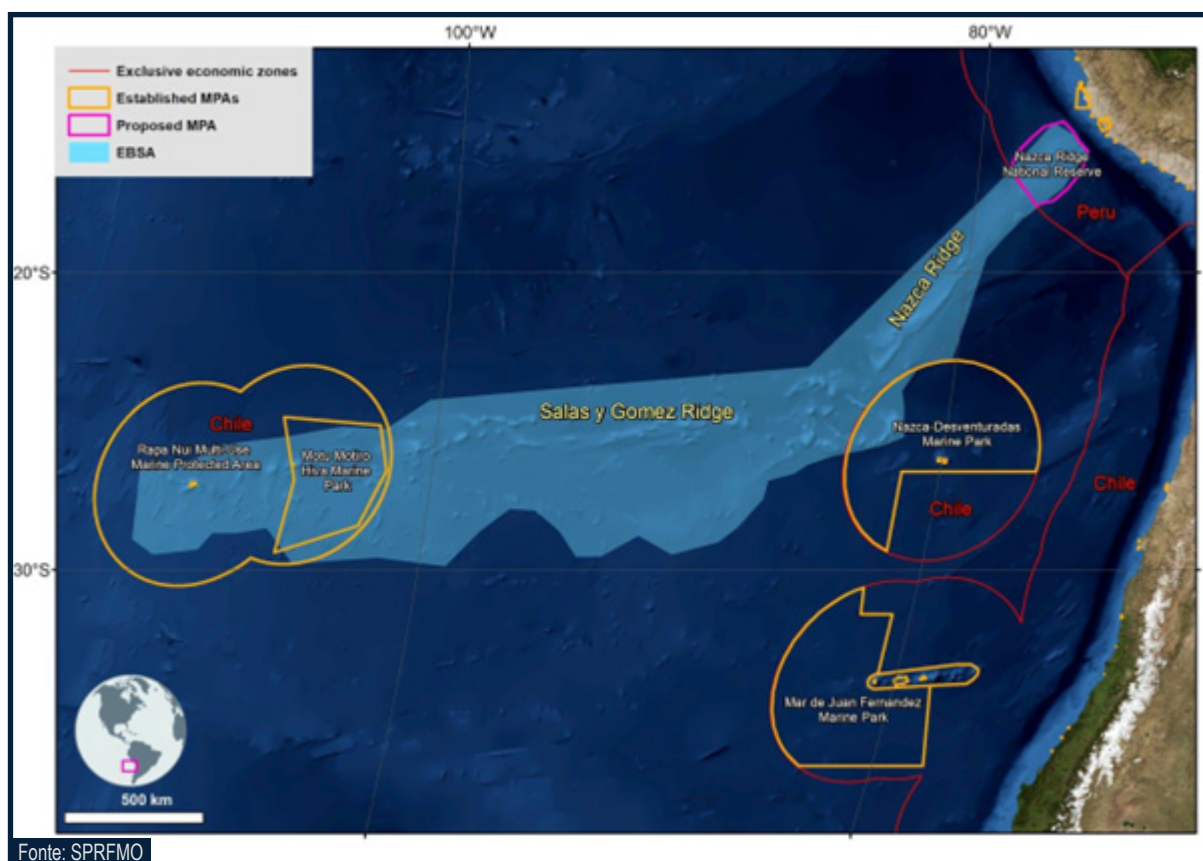
No contexto sul-americano existe uma correlação entre o espaço continental e o espaço marítimo. Assim como o Brasil relaciona a importância da Floresta Amazônica à Amazônia Azul e a Argentina faz alusão ao Pampa Azul com os pampas de seu território, os países da costa pacífica também possuem uma cordilheira submarina para relacionar aos Andes. Assim, analisa-se como os países andinos estão engajados na proteção desse espaço marítimo.

Em abril de 2021, na Cúpula de Líderes sobre o Clima, o presidente chileno, Sebastian Piñera, anunciou a criação de uma Área de Proteção Marinha (APM) para o Dorsal de Nazca no alto-mar, uma região que se estende da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) peruana até as proximidades da APM chilena de Nazca-Desventuradas. No Peru, em 2019, esse mesmo tema ganhou destaque com a campanha *La Otra Cordillera*, promovida pela ONG internacional Oceana, e pelo compromisso assumido na Convenção de Diversidade Biológica (CDB) de transformar, até 2020, 10% da ZEE peruana em APM. Assim, esperava-se a aprovação da Reserva Nacional Dorsal de Nazca, compreendendo somente a parte que está no mar peruano. Contudo, além da Reserva não ser o suficiente para alcançar a meta estabelecida, o projeto de

criação dela só foi aprovado em março de 2021.

A proposta chilena já havia sido apresentada pela Oceana em 2020, em um relatório à Organização Regional para Gestão da Pesca no Pacífico Sul (ORGP-PS), da qual Chile e Peru fazem parte, para proteção do Dorsal de Nazca e do Dorsal Salas y Gómez. Com biodiversidade e reservas de cobalto e manganês ainda inexploradas, essas cadeias são definidas como Áreas Marinhas de Importância Ecológica ou Biológica pela CDB. Juntas representam 41% das montanhas submarinas do sudeste do Oceano Pacífico e sua extensão, do Peru até a Ilha de Páscoa, faria a conexão das 3 APMs chilenas, mencionadas por Piñera. O relatório também aponta as vulnerabilidades da região como argumento para sua proteção: perda de biodiversidade e resiliência devido à mudança climática, proximidade com a ilha de lixo do Pacífico, e exposição à mineração submarina no futuro.

Assim, o anúncio de Piñera tanto reforça o protagonismo e a vocação marítima chilena ([Boletins 130](#) e [134](#)) para áreas dentro e além da sua jurisdição, como evidencia o contraste entre as costas sul-americanas, uma vez que o lado sul-atlântico não consegue avançar na criação de uma ORGP ([Boletim 137](#)) e alcançar uma visão integrada para governança do oceano.



Crise colombiana e a necessidade de um novo paradigma de segurança regional

Pedro Kilson

A instabilidade política na América Latina revela debilidades institucionais para além das fronteiras dos Estados nacionais, moldando questões de ordem geopolítica, estratégica e de segurança. Em meio à pandemia de COVID-19, a Colômbia tem vivenciado, no último mês, uma onda de manifestações contrárias às políticas fiscais do presidente Iván Duque, desenvolvidas com o objetivo de aumentar a arrecadação estatal e reequilibrar as contas nacionais. Semelhante ao ocorrido no Chile em 2019, os protestos não cessaram após a anulação das medidas. Contrariamente, as manifestações tomaram uma roupagem crítica ao modelo econômico implementado no país, bem como evidenciaram fissuras estruturais na sociedade colombiana, desde confrontos entre civis até a incidência do narcotráfico no poder político. Nesse sentido, questiona-se como políticas de Estado devem ser articuladas a um novo paradigma de segurança regional, em matéria de desenvolvimento e estabilidade geopolítica.

Entender as tensões no país andino requer analisar problemáticas regionais relacionadas ao narcotráfico e à criminalidade. Cali, terceira maior cidade colombiana e epicentro dos protestos, configura palco de repressão e confrontos entre agentes do Estado, setores da classe média e comunidades indígenas. Ganha centralidade a histórica relevância da cidade para a rota do narcotráfico,

não apenas por conectar a América do Sul à América Central, México e Estados Unidos, mas também pela proximidade aos portos no Pacífico, representando um território fundamental para garantir as dinâmicas de grupos armados em nível transnacional. A porosidade das fronteiras intensifica a dificuldade do Estado em buscar a contenção dos narcotraficantes em matéria de produção de coca e projeção de poder.

Ademais, há a questão migratória como mais uma variável desestabilizadora, visto que a Colômbia é o principal destino de imigrantes e refugiados que deixam a Venezuela. Conclusivamente, a crise social se desenvolve paralelamente à atuação criminal de grupos paramilitares, dissidências das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e guerrilhas vinculadas ao tráfico internacional, em constante disputa por poder e território.

Tal conjuntura impõe desafios multifacetados para o governo de Iván Duque e países vizinhos: soluções para estabilidade política e combate ao tráfico na Colômbia devem estar interligadas com políticas de ação conjuntas nas fronteiras, investimento em inteligência e em canais de comunicação institucional entre os países da região. Ademais, medidas que mitiguem os efeitos desestabilizadores da pandemia são fundamentais para impedir que as fronteiras se tornem ainda mais desprotegidas e facilitem a incidência do narcotráfico.



Digitalização de infraestruturas críticas e suas vulnerabilidades nos EUA

Victor Gaspar Filho

Um dos principais oleodutos dos Estados Unidos, que conecta as cidades de Houston e Nova Iorque, interrompeu seu fluxo após sofrer um ataque de *ransomware*, submetendo consumidores à escassez de combustíveis no sul e leste do país. A *Colonial Pipelines*, empresa que opera o oleoduto, divulgou o ataque em 07 de maio de 2021 e fechou seus 8.800km de dutos, que transportam 45% de combustível da costa leste para conter a violação. A infraestrutura em questão é particularmente vital para o funcionamento de aeroportos da região e o fornecimento pode levar semanas até sua normalização. O episódio é considerado o ataque mais significativo ao sistema energético dos Estados Unidos. Como a digitalização de infraestruturas críticas impõe novas vulnerabilidades a um ator?

A importância do oleoduto atacado se dá principalmente pela intensificação da produção de óleo e gás de xisto, a partir de 2005. Refinarias na costa do Golfo do México tiveram fácil acesso ao gás natural e ao petróleo produzidos no Texas. Isso deu a elas uma enorme vantagem competitiva sobre refinarias da costa leste, que importavam petróleo ou levavam-no da Dakota do Norte por ferrovia. Com isso, o oleoduto Colonial tornou-se mais significativo para refinarias do Texas e Louisiana. Apesar do fornecimento já ter sido retomado, o setor não tem caminhoneiros suficientes para transportar combustíveis dos centros de distribuição aos postos. A

interrupção deixou postos desabastecidos em mais de 10 estados e elevou o preço médio nacional para mais de US\$ 3 o galão pela primeira vez em seis anos.

Nos ataques de *ransomware*, grupos criminosos mantêm dados como reféns até o pagamento de um resgate. Uma investigação preliminar mostrou práticas de segurança deficientes na *Colonial Pipelines*. Para encerrar o ataque, a empresa pagou ao grupo de *hackers DarkSide*, do Leste Europeu, quase US\$ 5 milhões em bitcoins, dificultando o rastreamento. Crimes cibernéticos cresceram durante a pandemia, especialmente como resultado da rápida adaptação de empresas a sistemas de acesso remoto. O *hack* ocorreu às vésperas do governo federal estadunidense anunciar uma Ordem Executiva para fortalecer a infraestrutura de defesa cibernética do país.

A escalada da crise sublinha não somente a vulnerabilidade do sistema de abastecimento de combustíveis estadunidense. Os sistemas de segurança cibernética do país demonstram graves brechas que podem impactar significativamente setores críticos da economia. A diversificação da oferta de combustíveis e o aprimoramento de infraestruturas de cibersegurança são desafios que a administração Joe Biden deverá enfrentar para reduzir a vulnerabilidade do país, principalmente com o avanço da eletrificação e da digitalização dos sistemas energéticos.



A agenda climática global e a África na nova geopolítica verde

João Victor Marques Cardoso

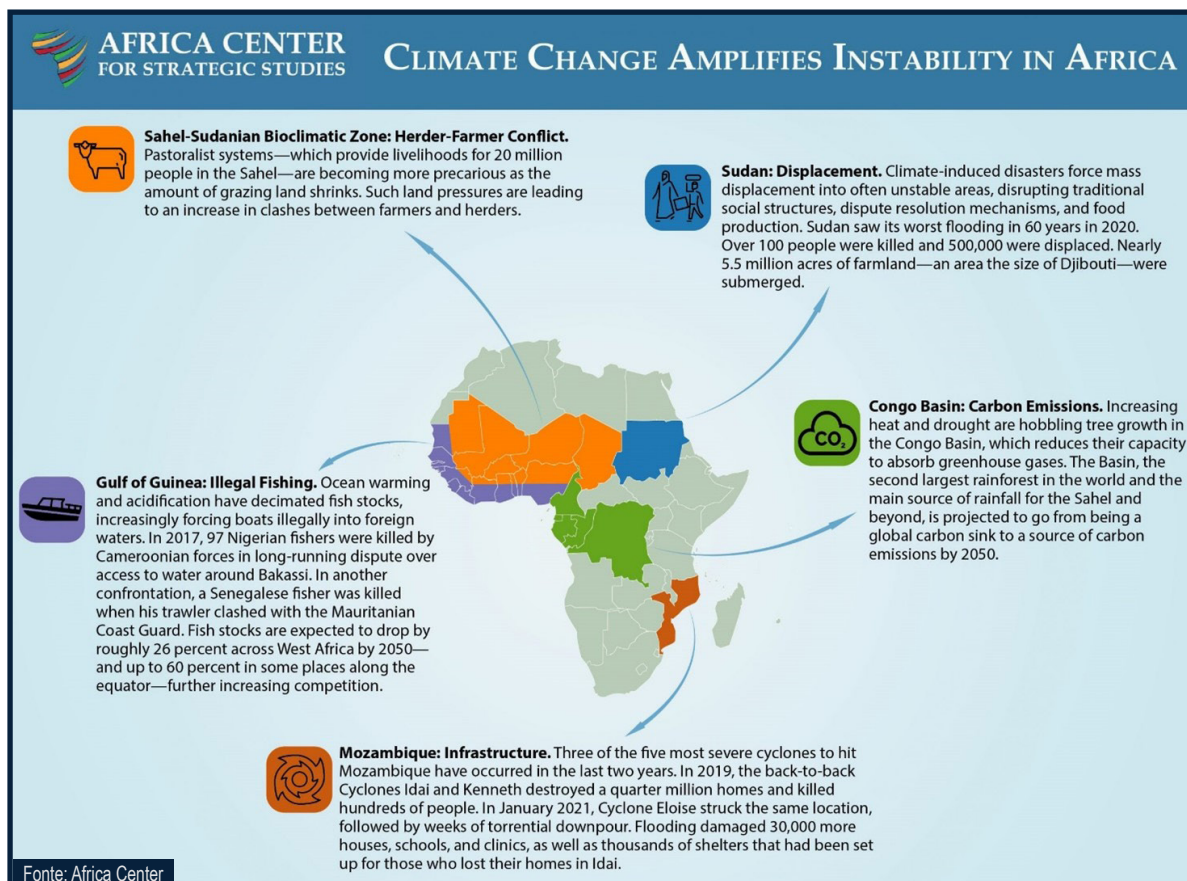
As mudanças climáticas são resultantes das emissões de gases de efeito estufa por ação antropogênica, contra as quais se requer ações de mitigação, adaptação e financiamento. Embora essa agenda climática possua escala global, ela desnuda clivagens geopolíticas entre os Estados em termos de mitigação das emissões, (in)capacidade de adaptação às mudanças climáticas e acesso a recursos financeiros. Assim, questiona-se como a África se enquadra nesta emergente “geopolítica verde”.

A África é indispensável no combate às mudanças climáticas, devido à cooperação de 54 países e aos recursos à transição energética descarbonizadora. Porém, o continente está desproporcionalmente inserido nessa agenda, já que contribui com apenas 5% das emissões. E, em contrapartida, é o mais vulnerável a secas, enchentes e pragas, que geram perdas anuais de US\$ 7 a 15 bilhões, podendo escalar, até 2040, para US\$ 50 bilhões.

Durante a Cúpula dos Líderes sobre o Clima, em abril de 2021, os participantes africanos sublinharam os desafios à adaptação e ao financiamento, que possuem reduzida atenção diante das iniciativas de mitigação das economias mais ricas e poluentes. A África do Sul destacou que a ajuda externa para o clima não deve aprofundar o endividamento das economias periféricas. O Quênia acusou a lacuna de US\$ 70 bilhões em adaptação nos países pobres. A República Democrática

do Congo destacou a recuperação da bacia do Congo e a mineração sustentável para pressionar por recursos e pelo aumento do preço do carbono de US\$ 5 para US\$ 100. A Nigéria, dependente do petróleo e menos alinhada aos esforços climáticos, reafirmou a meta de, até 2030, reduzir, condicionalmente, 45% das emissões. O Gabão ressaltou o risco de conflitos em mais da metade dos países africanos devido ao aumento da temperatura global e seus efeitos ambientais e sociais.

Nesse último aspecto, destaca-se que, em média, o aumento local de 0,5°C pode estar correlacionado a um risco de 10% a 20% maior de conflitos. Exemplo disso é a expansão do Sahel, em que se acentuam os distúrbios agrários entre agricultores e pastores nômades ([Boletim 66](#)); o encolhimento da bacia do lago Chade, que eleva as mazelas sociais e a radicalização de grupos armados ([Boletim 95](#)); e, a acidificação e aumento da temperatura dos oceanos, pressionando irregularidades na pesca no Golfo da Guiné. Ao mesmo tempo, os conflitos podem sabotar as próprias ações de mitigação e adaptação, exigindo-se mecanismos de prevenção adequados a conflitos impulsionados pela emergência climática. Assim, a geopolítica verde aprofunda clivagens preexistentes, mas estimula a África a buscar novas soluções para cumprir a agenda climática global.



O Mediterrâneo Oriental e o papel da Itália como distribuidora de gás natural na Europa

Marina Autran

A dependência do gás natural russo é um assunto delicado para quase todos os países europeus. Em fevereiro de 2012, por exemplo, durante um inverno rigoroso, a Rússia diminuiu repentinamente o volume de gás fornecido para a Itália, causando uma crise energética de diversos dias. Com os recentes desentendimentos entre a União Europeia e a Rússia devido à Ucrânia e às mudanças do mercado de gás natural, é importante entender o papel da Itália dentro da Europa para diversificação da oferta do recurso.

Atualmente, há uma tendência no cenário internacional de aumento da dependência da Rússia, em virtude da escassez de gás natural no Mar do Norte e diminuição da produção terrestre europeia. Assim, em 2020, foi fundado o *Eastern Mediterranean Gas Forum* (EMGF) ([Boletim 86](#)), organização intergovernamental constituída por Chipre, Itália, Egito, Grécia, Israel, Jordânia e Palestina, e que, em março de 2021, adicionou a França como membro e os Estados Unidos como país observador. A instituição visa aumentar a exportação da região e formular o consenso de quais gasodutos serão melhores para atender a Europa. Dentro desse contexto, a descoberta dos depósitos de hidrocarbonetos no Mediterrâneo Oriental deve impactar a relação europeia com os países da região.

A Itália já explora campos de gás no Mediterrâneo, como na região *Zohr* no Egito e no Norte da África, especialmente na Líbia. Além disso, o gás natural será o último combustível fóssil a ser substituído no projeto de transição energética italiano, ressaltando sua importância para o país. Em março de 2021, a *joint-venture* Itália-Grécia *IGI Poseidon* assinou um acordo de cooperação com a *Israel Natural Gas Lines Company* na construção de instalações para conectar Israel ao gasoduto *EastMed*, no Mediterrâneo. Após ser finalizado, transportará entre 9 a 12 bilhões de m³ de gás natural por ano até a Grécia e depois para a Itália, estimando que contribuirá com 10% da necessidade europeia pelo recurso. A decisão final do investimento dos três países será feita em 2022 e o planejamento do gasoduto de aproximadamente US\$ 8,5 bilhões, é ser concluído em 2025.

Desde a crise de 2012, a Itália investe na diversificação da oferta de gás natural para si e à Europa. O país tem papel importante nas negociações da EMGF e na construção do gasoduto para distribuição desse recurso aos países europeus. As descobertas no Mediterrâneo Oriental podem ser essenciais para evitar o possível aumento de dependência da Rússia até o continente europeu completar a sua transição energética.



Defesa europeia: as divergências entre Paris e Berlim

Thaïs Dedeo

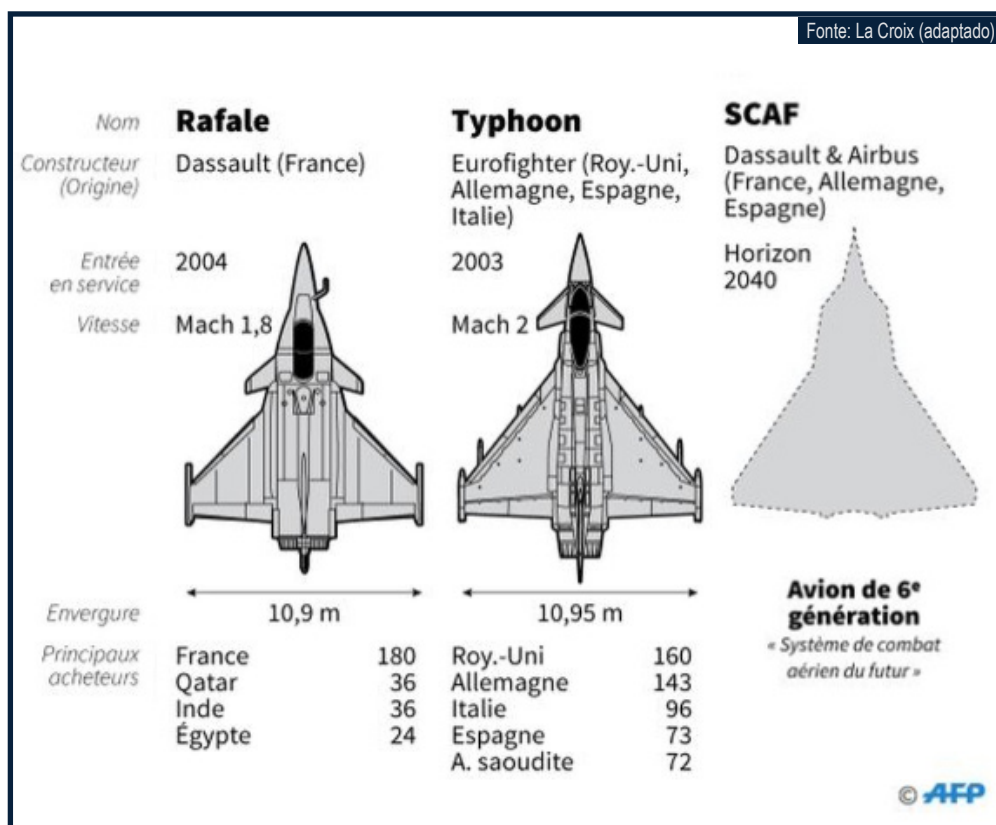
Após o *Brexit*, a cooperação industrial de defesa entre França e Alemanha ganhou outra dimensão, a partir do lançamento dos programas de desenvolvimento conjunto de caças, eurodrones e carros de combate. Apesar da cooperação militar franco-alemã ser fortemente estruturada por meio do Conselho de Defesa e Segurança Franco-Alemão e do Tratado de *Aix-la-Chapelle* ([Boletim 105](#)), somente 25 de 34 projetos comuns foram bem-sucedidos nos anos 1990. Em que medida interesses estratégicos comprometem a cooperação industrial e por consequência o desenvolvimento de uma defesa europeia autônoma?

O Eurodrone de combate (*European Medium Altitude Long Endurance* - MALE) permitirá a Europa alcançar as capacidades tecnológicas das indústrias americanas e israelenses. O programa possui custo estimado em US\$ 7,1 bilhões e irá equipar os exércitos francês, italiano, espanhol e alemão até 2027. Porém, uma das grandes ressalvas a esse programa é que o Ministério da Defesa alemão não está autorizado a comprar armamentos para esse drone e nem poderá treinar futuros operadores no uso tático de armamentos guiados, o que não condiz com as ambições dos seus parceiros europeus.

O SCAF (Sistema de Combate Aéreo do Futuro), inicialmente um projeto franco-britânico, almeja substituir os caças F-35, *Rafale* e *Eurofighter* dos países

europeus até 2040. Trata-se de uma aeronave de combate de nova geração com um sistema integrado de combate conectando a plataforma aos drones de apoio. Esse projeto será compartilhado entre Paris, Berlim e Madrid, contudo a partilha de direitos de propriedade intelectual gera discordâncias. A França seria desfavorecida, pois a empresa *Dassault* compartilharia quase 75 anos de experiência em tecnologias sensíveis na aviação de combate com a *Airbus Defence and Space* criada em 2014. Vale ressaltar que a França em 2020 foi o terceiro maior exportador de armamentos no mundo. Após longos meses de negociações conturbadas e inclusive a oposição ao projeto do próprio CEO da *Dassault*, um acordo foi anunciado no dia 17 de maio. Agora espera-se a aprovação do acordo no Parlamento Alemão, antes das eleições parlamentares alemãs de setembro.

Portanto, a dificuldade de consessão técnica entre França e Alemanha entravam o desenvolvimento de uma Defesa europeia autônoma. A importância da indústria francesa para sua própria autonomia estratégica e econômica, torna a cooperação industrial é um ato de grande preocupação para os franceses. Entretanto, se esses programas forem bem-sucedidos representarão um passo importante nessa busca pela autonomia estratégica europeia.



O Dia da Vitória e a identidade nacional russa: para além de um desfile militar

Pérsio Glória de Paula

A memória da participação soviética na Grande Guerra Patriótica (como é chamada a Frente Oriental da Segunda Guerra Mundial na Rússia e na maior parte do espaço pós-soviético) é um aspecto importante para a identidade nacional russa contemporânea e para outras ex-repúblicas soviéticas. Desde 1995, ocorrem paradas militares anualmente para celebrar o Dia da Vitória, sendo a de Moscou a mais famosa. Assim, no 09 de maio de 2021, foram realizadas celebrações em 337 cidades russas e, em Moscou, a parada militar na Praça Vermelha contou com a participação de mais de 12 mil soldados, 190 veículos militares e 79 aeronaves. Entre os equipamentos apresentados, ganham destaque as novas gerações de armamentos russos, entre eles: o VPK-7829 *Boomerang*, o novo Veículo de Combate de Infantaria (VCI), os mísseis hipersônicos Kh-47M2 *Kinzhal* e o *Uran-9*, o novo Veículo Terrestre Não-Tripulado (VTNT).

Além da demonstração das capacidades militares, houve também o discurso do presidente russo, Vladimir Putin, que reafirmou o papel soviético na derrota do nazifascismo, o comprometimento atual com a soberania do país e o preparo contra possíveis novas ameaças. Por isso, alguns analistas alegam que o evento se tornou uma mera ferramenta de propaganda do governo Putin, o que é

corroborado pela ênfase midiática nas paradas militares. Entretanto, essa é uma afirmação reducionista.

A celebração do Dia da Vitória também é uma festividade popular e uma forma de união geracional por meio da memória da Grande Guerra Patriótica. A União Soviética, a principal responsável pela derrota do nazifascismo na Europa, perdeu mais de 27 milhões de vidas no conflito, o que deixou marcas profundas na identidade não só dos russos, mas também dos outros povos que compunham a União Soviética. Assim, a lembrança do conflito é um elemento de suporte para a proeminência histórica russa em nível global e, também, é um importante elo sociocultural do país com seu Exterior Próximo — o que ajuda a criar um senso supranacional no espaço pós-soviético.

Dessa forma, o simbolismo do Dia da Vitória não é somente sobre propaganda ou demonstração de força. A memória da Grande Guerra Patriótica não só dá coesão à identidade nacional russa, como também é um laço histórico compartilhado entre as ex-repúblicas soviéticas, dados os grandes sacrifícios para a derrota do nazifascismo.

DOI 10.21544/2446-7014.n139.p11.

LESTE ASIÁTICO

A parceria estratégica sino-russa na década das inovações

Filipe Porto e Luiza Guitarrari

A parceria estratégica global sino-russa tem sido relevante para a política internacional, em especial na geopolítica da Ásia Central. É comum a aproximação entre os dois países em cenários multilaterais, principalmente no âmbito do Conselho de Segurança da ONU, além do estreitamento dos laços em Defesa, como nas recentes participações conjuntas em exercícios militares ([Boletins 80](#) e [126](#)). Em 2020, a balança comercial entre Pequim e Moscou ultrapassou US\$ 100 bilhões, ressaltando o incremento da cooperação estratégica para setores variados, como tecnologia e energia. Na ocasião da celebração do vigésimo aniversário do "Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável" ([Boletim 136](#)), em maio de 2021, Sun Chunlan, vice-primeira-ministra chinesa, declarou que China e Rússia irão aprofundar suas relações para um escopo mais amplo. Desse modo, torna-se necessário analisar como a parceria estratégica entre os Estados se mostra presente em suas políticas externas.

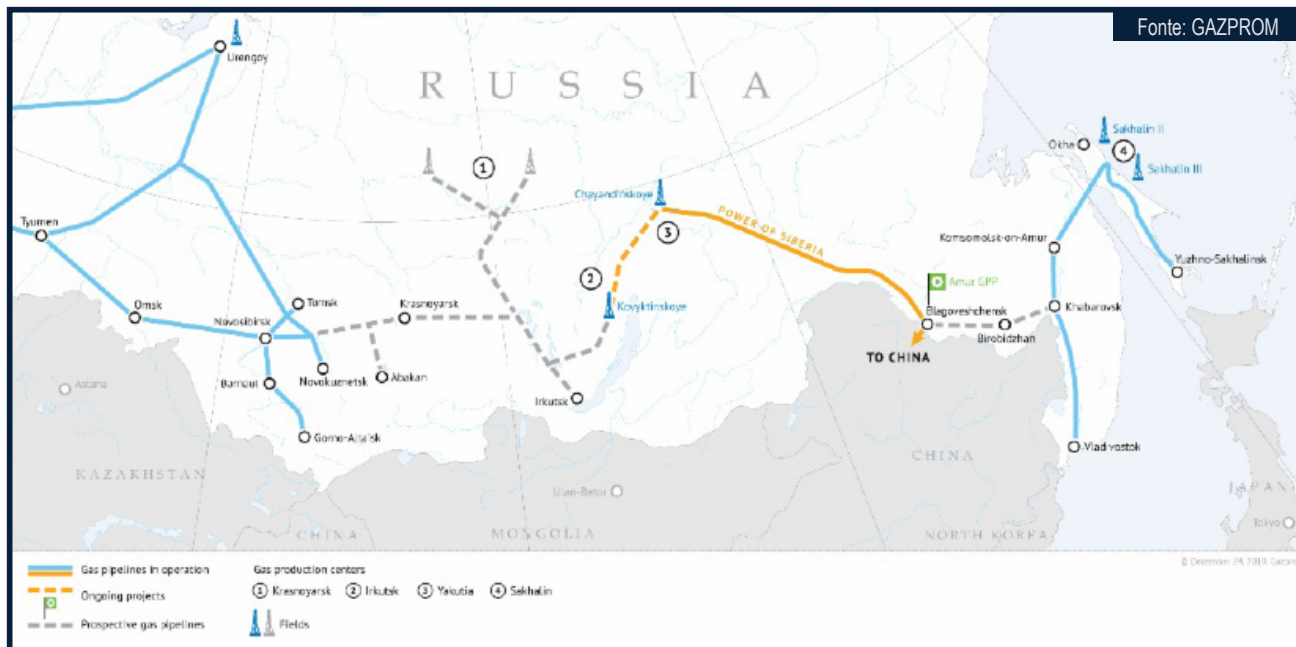
Do ponto de vista tecnológico, os dois países

estabeleceram o Ano da Inovação Científica e Tecnológica (2020-2021), indispensável para a China domesticamente, e setor de crescente interesse para os russos. São previstos mais de 1.000 eventos e ações conjuntas, como o desenvolvimento de infraestrutura 5G e referência do modelo de vigilância digital chinês, considerando o histórico de controle e repressão russo contra dissidentes. Além disso, ambos buscam autonomia tecnológica, como na produção de *chips* semicondutores ([Boletim 138](#)), mas ainda não a alcançaram; assim, dependem da complementaridade de suas vantagens competitivas.

Em matéria de energia, as importações chinesas de gás natural via o *Power of Siberia*, duto da estatal russa *Gazprom* para o Oriente, aumentaram 22,4% somente nos primeiros meses de 2021. Para a China, o projeto é primordial frente a compromissos energéticos e ambientais diversos, como redução da dependência do carvão. Para Moscou, é importante ferramenta de acesso ao mercado asiático, seu polo consumidor relevante.

Em suma, o 20º aniversário do tratado sino-russo demonstra potencial significativo para ampliação do escopo da cooperação entre os dois países. Ambos buscam maximizar suas relações a partir de suas potencialidades, como nos setores de energia e tecnologia. O saldo comercial demasiadamente favorável para a China representa vulnerabilidade para Moscou, que tem o país como principal parceiro comercial. Contudo, poucas

são as opções, considerando que Pequim desponta gradativamente como referência tecnológica mundial, podendo contribuir para mitigar o atraso russo no setor. Em contrapartida, a Rússia, fornecedor energético global, auxilia na consolidação da segurança energética chinesa. Portanto, a parceria estratégica em termos tecnológicos e energéticos constitui importante ferramenta na política externa para ambos.



DOI 10.21544/2446-7014.n139.p11-12.

Japão e Estados Unidos: necessidade de cautela nas relações?

João Pedro Grilo

A cooperação com os Estados Unidos é uma das pedras angulares da diplomacia japonesa desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O estabelecimento da doutrina Yoshida, proferida em 1951, já colocava a proteção proveniente dos norte-americanos como um dos três pilares centrais que guariam a política externa japonesa durante toda a Guerra Fria, tornando os Estados Unidos um de seus principais aliados. Contudo, a recente eleição do presidente estadunidense Joe Biden, o recrudescimento das tensões entre a China e o Japão e o acirramento da disputa entre ambas as superpotências têm levantado mais perguntas do que respostas. Dentro desse contexto, o presente artigo busca analisar: o que pode se esperar da relação entre o Japão e a administração americana em meio às recentes tensões com a China?

A atual postura estadunidense, caracterizada por uma política de reaproximação com aliados tradicionais, e o crescente receio nipônico frente às ações mais ousadas da China, estabelecem um cenário favorável para o aprofundamento das relações bilaterais entre ambas as democracias. Esse movimento começou a tomar forma após a realização da primeira reunião formal entre Suga Yoshishide e Joe Biden, ocorrida na Casa Branca no dia 16 de abril, marcada por uma série de declarações

importantes. A partir destas, vale ressaltar os seguintes pontos: i) pela primeira vez houve a referência explícita à China como o principal desafio e agente destabilizador da região, além de comentários referentes às violações dos direitos humanos em Hong Kong e Xinjiang e; ii) pela primeira vez, desde a reaproximação de ambos os países com a China na década de 1970, comentou-se sobre o interesse mútuo em garantir a paz e estabilidade no estreito de Taiwan.

Em paralelo às declarações supracitadas, que fogem da tradicional abordagem mais branda do governo japonês, discutiram-se novas iniciativas conjuntas: uma parceria climática, que almeja estabelecer estratégias de descarbonização com o intuito de zerar as emissões em 2050; e a Parceria de Competitividade e Resiliência, que visa somar esforços para o desenvolvimento de novas tecnologias e no auxílio ao combate a COVID-19 no Indo-Pacífico.

Portanto, o encontro entre Biden e Suga indica uma normalização e um aprofundamento dos laços entre ambos os países. Contudo, espera-se que esse estreitamento seja cauteloso frente à dependência econômica japonesa com a China, de modo a evitar possíveis retaliações e/ou novas provocações nos arredores das Ilhas Senkaku.

DOI 10.21544/2446-7014.n139.p12.

Marinha indiana, o grande impulsionador da nação?

Marina Corrêa

Quase cem anos após o geopolítico alemão, Karl Haushofer, falar sobre o Indo-Pacífico (*Indopazifischen Raum*) nota-se o aumento da importância e interesse internacional na região. Tal espaço abrange 24 países, dentre os quais estão Índia e China, grandes rivais regionais. A Índia possui forte preocupação sobre a influência chinesa na região e vem buscando, através de sua Marinha e política externa, contrapor tal influência. Para isso, cabe analisar como a Marinha da Índia compõe sua atuação regional em termos de política externa.

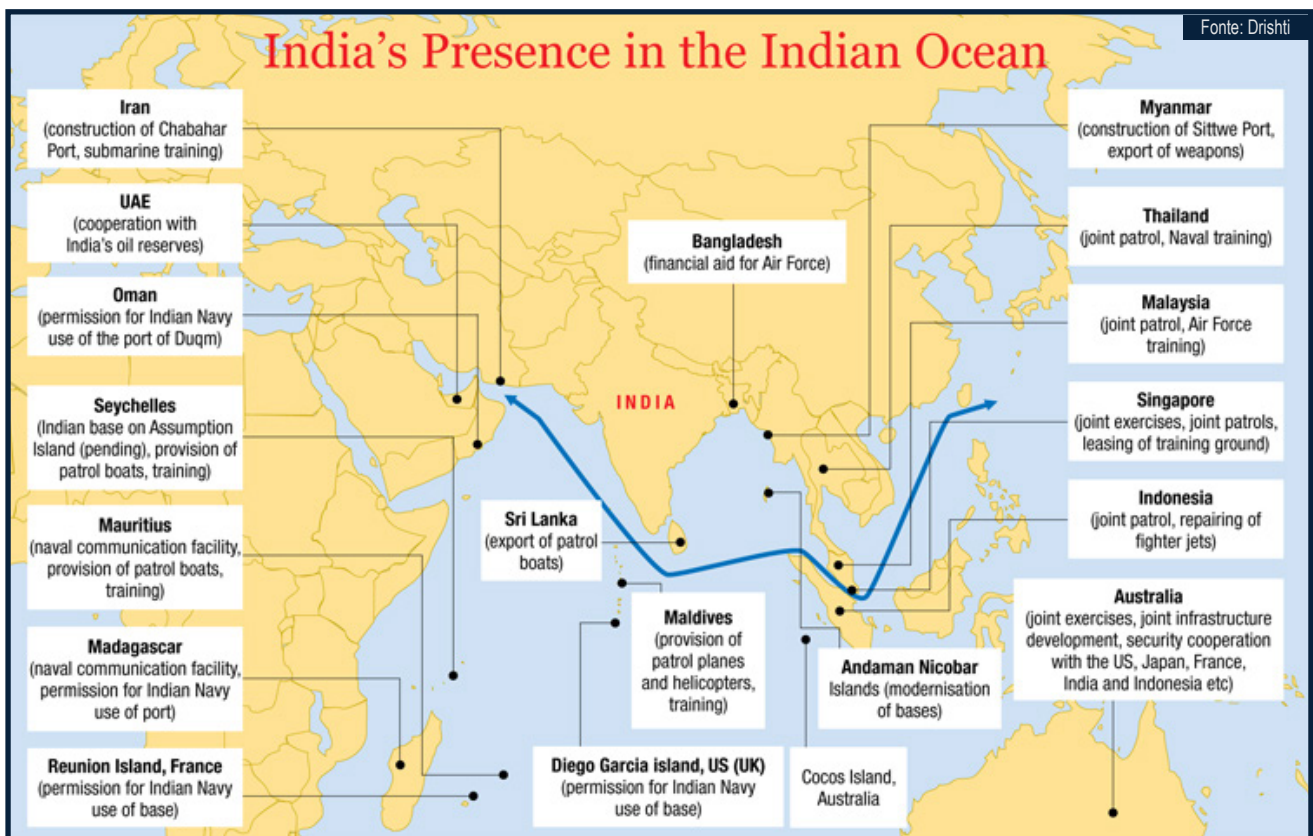
Como mencionado no [Boletim 134](#), o orçamento de Defesa indiano aumentou no ano fiscal 2021/2022, porém a Marinha é a força com menos capital disponível. No início deste ano, com os conflitos fronteiriços com a China, seu Exército passou a ser recorrentemente requisitado e notou-se a necessidade da melhoria dos armamentos, infraestrutura para mobilização das tropas e desenvolvimento das tecnologias por elas utilizadas. Contudo, ao passo que os diálogos entre os países foram possíveis, as investidas de Pequim no Oceano Índico fazem com que Nova Délhi precise desenvolver mais sua Marinha, que se encontra atrás da chinesa ([Boletins 123](#) e [135](#)) em termos quantitativos e qualitativos.

O país possui projetos para aumentar sua Esquadra, tendo como objetivo, até 2030, possuir 3 porta-aviões

e finalizar seu programa de construção dos submarinos nucleares (SSBNs). Todavia, por enquanto, Nova Délhi emprega seu poder naval como instrumento diplomático. Recentemente, a Marinha indiana auxiliou a Marinha indonésia a encontrar seu submarino desaparecido através do sistema de Busca e Resgate, o *Deep Submergence Rescue Vessel* (DSRV), sendo um dos poucos países que possui a moderna tecnologia de um sonar de varredura lateral.

Essa ajuda ao país do Sudeste Asiático não é uma ação pontual: a Marinha da Índia tem um histórico de cooperação com países da região, com países africanos com costa para o Índico, e com nações extrarregionais como Estados Unidos e França. Para mais, no dia 08 de maio ocorreu a reunião entre os Líderes da Índia e União Europeia, em que fizeram uma Declaração Conjunta com 33 tópicos, sendo um deles: estabelecer uma cooperação reforçada entre a Marinha da Índia e a EUNAVFOR Atalanta na região Indo-Pacífico.

Nesse sentido, a cooperação internacional é atualmente a melhor solução (a curto prazo) para que a Índia continue projetando sua força e consiga contrabalancear o poder de seus inimigos no Indo-Pacífico, a partir de uma grande, forte e modernizada Marinha, capacitada para auxiliar demais nações e possuir uma eficaz interoperabilidade.



A milícia marítima vietnamita e seu papel no Mar do Sul da China

Matheus Bruno Pereira

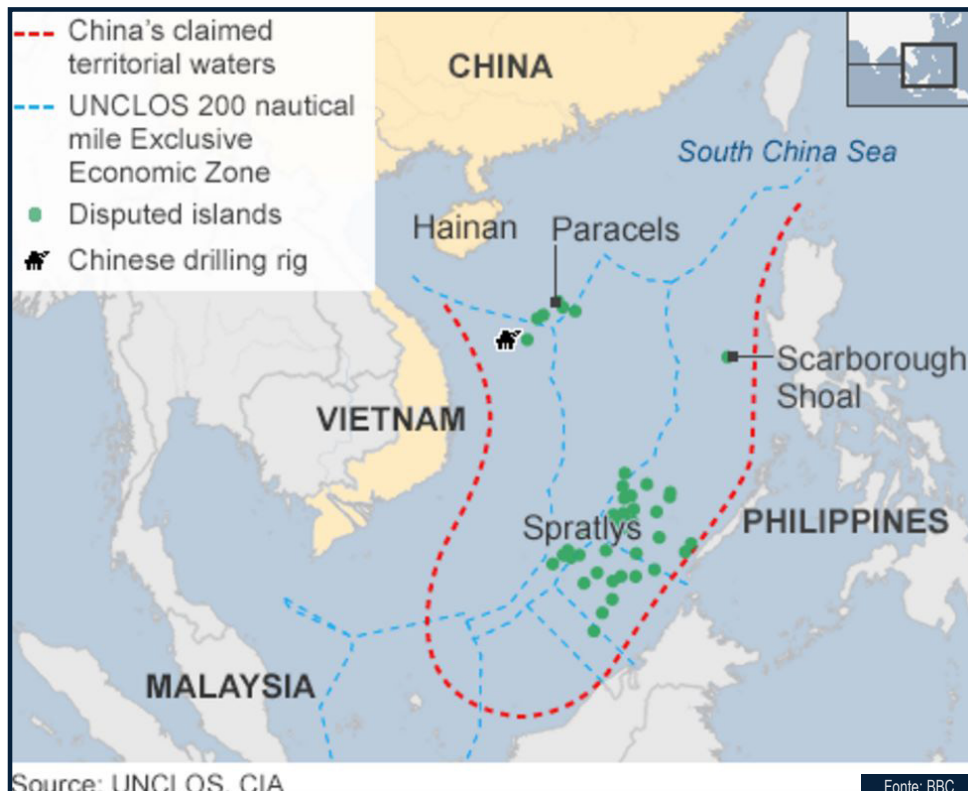
No Sudeste Asiático, atualmente, não há países que consigam competir com a China em poderio militar. As incursões já bem conhecidas de Pequim no Mar do Sul da China (MSC) parecem dar certeza da perenidade do litígio com os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN, sigla em inglês), que possuem seus territórios marítimos na região. Embora a China saiba de suas vantagens comparativas em relação aos demais, parece prestar atenção para uma “peça” vietnamita no tabuleiro regional: a milícia marítima, como destacado por Liu Zhen, em seu artigo no *South China Morning Post*. Contudo, como ela mesma observa, o grupo já existe de forma institucionalizada desde 2009. Indica-se, a seguir, seu emprego ante o contexto geopolítico do MSC.

Em 2009, o Vietnã sancionou uma lei que formalizava as milícias marítimas em grupos legalmente conhecidos. Esses grupos inicialmente eram formados apenas por pescadores locais que agiam no litoral do país. Em 2010, ocorreu a criação de dois ramos: *Dân Quân Bien* e *Tu Vê Bien*. O primeiro são pescadores locais, que recebem treino e alvará do governo para participar, já o segundo são unidades dentro de empresas do ramo marítimo. No caso desta última, por sua maior capacidade de ação, as

flotilhas das empresas possuem maior alcance, podendo atuar mais distantes da costa, como nas Ilhas Paracel.

Em uma comparação com a milícia marítima chinesa, podemos notar algumas diferenças: enquanto a da China auxilia as forças da guarda costeira e o Exército de Libertação Popular para ações ofensivas em todo o MSC (com episódios de agressões contra outros navios), a do Vietnã é utilizada para vigilância e monitoramento, coerente com a postura estratégica defensiva do país. Um exemplo recente ocorreu em fevereiro de 2020, quando pescadores vietnamitas se posicionaram no limite de sua Zona Econômica Exclusiva, obtendo visão da ilha chinesa de Hainan, provavelmente para monitorar embarcações militares chinesas, que atracam na base da Esquadra Sul, localizada na ilha.

A milícia marítima possibilita ao Vietnã uma vantagem estratégica, incrementando sua consciência situacional marítima. Com isso, permite um controle de área marítima mais efetivo, juntamente com o apoio da guarda costeira do país. Nota-se atuação do Estado em resposta à ameaça sofrida por suas reivindicações nas disputas no MSC. Afinal, garantir sua fatia em tal região marítima e parte dos recursos vivos e minerais ali presentes é favorecer os interesses vietnamitas.



A política dos quebra-gelos e a geopolítica do Ártico

Pedro Allemand M. Silva

Em 06 de maio de 2021, o governo canadense anunciou a construção de dois novos navios quebra-gelo, destinados à Guarda Costeira do país, para aumentar sua presença no Ártico. Esse movimento é parte de um esforço de renovação de navios quebra-gelo voltados para emprego na região. Levando em conta a versatilidade desse tipo de meio, sua utilidade para o atual contexto do Ártico, além do papel da Guarda Costeira nesse processo, é importante pensar como o Canadá tem buscado operá-los para se adaptar à emergência de um Ártico navegável e para um provável aumento da atividade econômica e militar na região.

Os efeitos da mudança climática, como a diminuição dos períodos de congelamento e da espessura do gelo que cobre o Ártico, tem sido um fator importante na emergência da região como um espaço de disputas geopolíticas e econômicas. O Canadá representa a segunda maior linha costeira da região, abarcando também grande parte da Linha de Comunicação Marítima representada pela Passagem Noroeste. Os navios quebra-gelo, além da função original de garantir a navegabilidade perene dos mares em regiões polares, também são instrumentos de apoio logístico dual. Atualmente, o Canadá possui apenas um quebra-gelo capaz de operar no Ártico e o

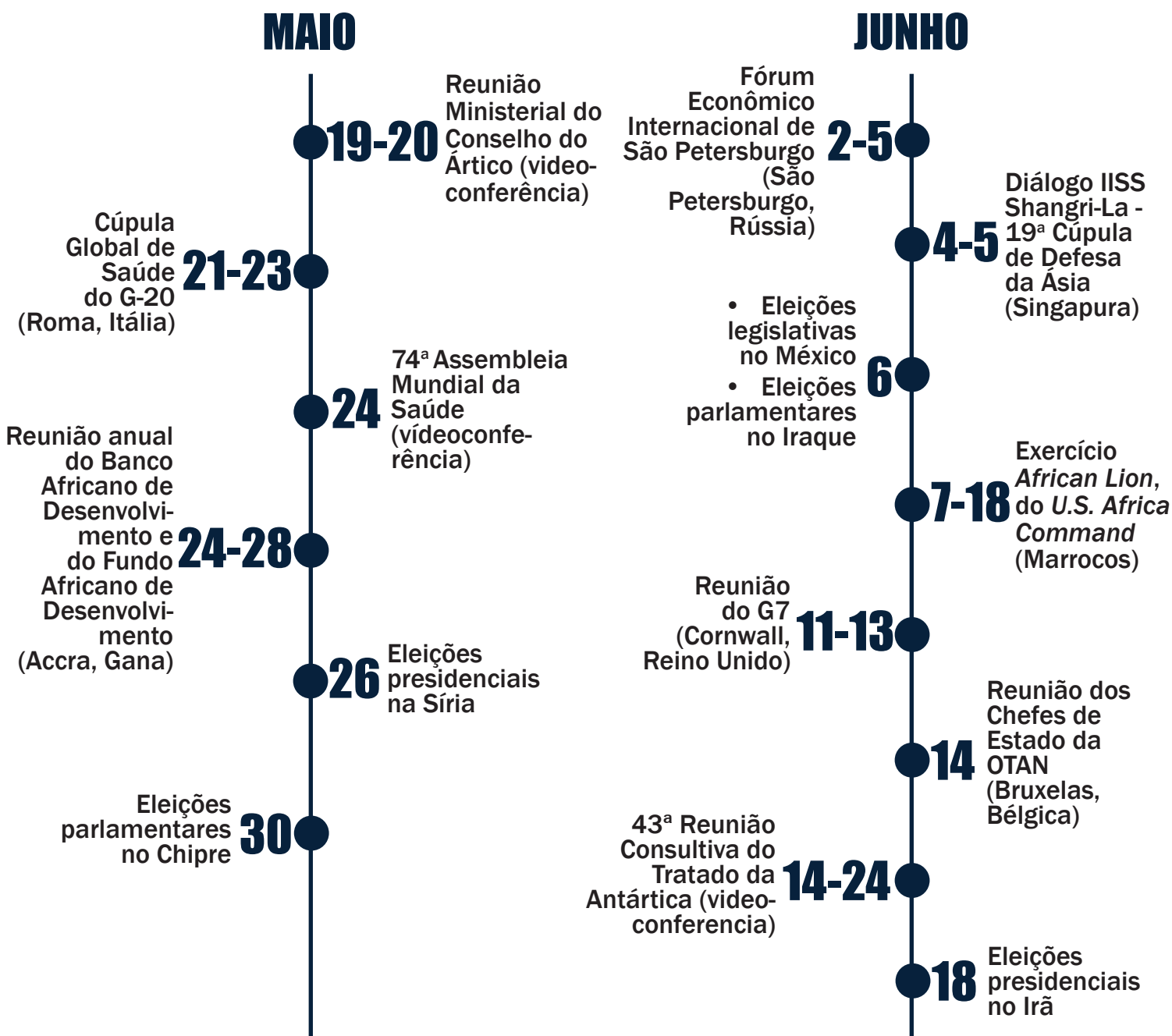
maior quebra-gelo em operação no Canadá, o *Louis S. Laurent*, que opera desde 1969, passou por diversas modificações e não pode operar na região. Os novos quebra-gelos anunciados pelo governo objetivam, por sua vez, garantir presença constante no Ártico canadense e, segundo o ministro Johnathan Wilkinson, da pasta do meio-ambiente e mudança climática, também servirão para proteger as fronteiras do Canadá.

A construção de novos quebra-gelos se insere na busca pela atualização das capacidades de navegação no Ártico e com o aumento do valor estratégico e econômico da região aos olhos dos Estados litorais e do mundo. A questão da navegação é particularmente sensível para o Canadá, que considera as águas da Passagem Noroeste como parte de suas águas interiores. Essa postura gera problemas com os EUA, que advogam pela liberdade de navegação na região desde 2009. A construção de novos navios quebra-gelo pelo Canadá é parte importante de uma estratégia que visa garantir uma posição soberana e a capacidade de buscar os seus próprios objetivos na exploração de uma região que progressivamente se abre à atividade econômica e para as disputas geopolíticas.



- ▶ [The Mozambique Channel – troubled waters?](#)
IISS, Hugo Decis
- ▶ [Securitization, surveillance and ‘de-extremization’ in Xinjiang](#)
OXFORD ACADEMIC, Stefanie Kam e Michael Clarke
- ▶ [RAND's Scalable Warning and Resilience Model \(SWARM\)](#)
RAND, Bilyana Lilly, Adam S. Moore, Quentin E. Hodgson e Daniel Weishoff
- ▶ [Gaza deaths may end Israel's new Gulf friendships](#)
CHATHAM HOUSE, Yossi Mekelberg
- ▶ [Huawei's Global Cloud Strategy](#)
RECONNECTING ASIA, Jonathan E. Hillman e Maesea McCalpin

CALENDÁRIO GEOCORRENTE



REFERÊNCIAS

- **Amazônia, Pampa, Cordilheira e o espaço marítimo sul-americano**
WAGNER, D. et al. The Salas y Gómez and Nazca ridges: a global diversity hotspot in need of protection. **8th Scientific Committee – SPRFMO**, Wellington, 08 out. 2020. Acesso em: 29 abr. 2021.
CHILE. [President Piñera announces Chile will advance a proposal to fully protect an area of the high seas in the Southeastern Pacific, the first of its kind.](#) **2021 Virtual Leaders Climate Summit**, Santiago, 22 abr. 2021. Acesso em: 22 abr. 2021.
 - **Crise colombiana e a necessidade de um novo paradigma de segurança regional**
FEDIRKA, A. [Colombia: A Canary in a Coal Mine?.](#) **Geopolitical Futures**, Austin, 12 maio 2021. Acesso em: 29 abr. 2021.
WILHELM, B. [Protests in Colombia Could Foreshadow a Regional Wave of Unrest.](#) **World Politics Review**, Nova Iorque, 07 maio 2021. Acesso em: 11 mai. 2021.
 - **Digitalização de infraestruturas críticas e suas vulnerabilidades nos EUA**
SANGER, D.; KRAUSS, C.; PERLROTH, N. [Cyberattack Forces a Shutdown of a Top U.S. Pipeline.](#) **The New York Times**, Nova Iorque, 08 maio 2021. Acesso em: 13 maio 2021.
GONZALEZ, G.; LEFEBVRE, B.; GELLER, E. ['Jugular' of the U.S. fuel pipeline system shuts down after cyberattack.](#) **Politico**, Arlington, 08 maio 2021. Acesso em: 13 maio 2021.
 - **A agenda climática global e a África na nova geopolítica verde**
[Leaders Summit on Climate: African Development Bank President says the continent is "ground zero" of the crisis as major economies boost climate targets.](#) **African Development Bank Group**, Abidjan, 23 abr. 2021. Acesso em: 26 abr. 2021.
GHANI, T.; MALLEY, R. [Climate Change Doesn't Have to Stoke Conflict.](#) **Foreign Affairs**, Nova Iorque, 28 set. 2020. Acesso em: 14 maio 2021.
 - **O Mediterrâneo Oriental e o papel da Itália como distribuidora de gás natural na Europa**
MICALLEF, J. The [Geopolitics of Mediterranean Natural Gas.](#) **Military.com**, São Francisco, 16 abr. 2021. Acesso em: 30 abr. 2021
[Greek-Italian venture signs agreement with Israel on Eastmed gas pipeline scheme.](#) **Reuters**, Atenas, 09 mar. 2021. Acesso em: 30 abr. 2021
 - **Defesa europeia: as divergências entre Paris e Berlim**
LERT, F. [Le SCAF toujours en vol à vue entre Paris et Berlin.](#) **AEROBUZZ**, Ternay, 14 fev. 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
CHAUPRADE, A. [Industrie de défense: un reset français plutôt que du franco-allemand – la tribune d'Aymeric Chauprade.](#) **L'Opinion**, Paris, 14 fev. 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
 - **O Dia da Vitória e a identidade nacional russa: para além de um desfile militar**
[Putin gives 'excellent mark' to Victory Day Parade on Moscow's Red Square.](#) **TASS**, Moscou, 09 maio 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
FELGENHAUER, P. [Putin's Russia Reverts Still Deeper Into Soviet Legacy.](#) **Eurasia Daily Monitor**, Jamestown, 13 maio 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
 - **Japão e Estados Unidos, há necessidade de cautela nas relações?**
[More Than a meet and greet, Suga-Biden summit re-imagines partnership.](#) **The Japan Times**, Tóquio, 20 abr. 2021. Acesso em: 27 abr. 2021.
YOSHIHIDE, S. [What the Biden-Suga summit means for the region.](#) **East Asia Forum**, Canberra, 23 abr. 2021. Acesso em 28 abr. 2021.
 - **A parceria estratégica sino-russa na década das inovações**
NIEMI, S. [China - Russia, partners or allies.](#) **Great Power Relations, Helsinque**, 30 abr, 2021. Acesso em: 14 maio 2021.
[China, Russia to boost bilateral ties.](#) **Hellenic Shipping News**, Atenas, 05 maio 2021. Acesso em: 14 maio 2021.
 - **Marinha indiana, o grande impulsionador da nação?**
[Indian Navy sends its rescue vessel to Indonesia.](#) **Tribune India**, Nova Delhi, 22 abr. 2021. Acesso em 30 abr. 2021.
[India releases details of new defense budget.](#) **Defense News**, Nova Delhi, 2 fev. 2021. Acesso em 30 abr. 2021.
 - **A Milícia Marítima Vietnamita e seu papel no Mar do Sul da China**
ZHEN, L. [South China Sea: Vietnam building up its maritime militia, magazine says.](#) **South China Morning Post**, Pequim, 25 abr. 2021. Acesso em: 30 abr. 2021.
PHUONG, N. [Vietnam's Maritime Militia is Not a Black Hole in The South China Sea.](#) **Asia Maritime Transparency Initiative**, Hanói, 22 maio 2020. Acesso em: 30 abr. 2021.
 - **A política dos quebra-gelos e a geopolítica do Ártico**
GUNN BYE, H. [Canada to Build Two New Icebreakers.](#) **High North News**, Bodø, 07 maio 2021. Acesso em: 12 maio 2021.
CANADÁ. [Government of Canada announces Polar Icebreakers to enhance Canada's Arctic presence and provide critical services to Canadians.](#) **Canadian Coast Guard**, Ottawa, 07 maio 2021. Acesso em: 12 maio 2021.
Capa: [This energy company just found the 'largest-ever' gas field in the Mediterranean Sea.](#)
Por: Fortune.
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen army repulses rebel offensive in Marib](#). **GULF NEWS**, 09 maio 21. Acesso em: 18 maio 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Guaidó dice que conversa con Noruega para que medie en la negociación con Maduro](#). **Agencia EFE**, 16 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Crisis in Mozambique is Grabbing the World's Attention](#). **Council for Foreign Relations**, 14 maio. 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Myanmar coup latest: US sanctions junta itself in latest move with allies](#). **Nikkei Asia**, 17 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- ISRAEL E PALESTINA — Tensões na Faixa de Gaza: [Conflito entre Israel e palestinos: como destino de seis famílias impulsionou onda de violência](#). **BBC BRASIL**, 13 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

▶ MÉDIO RISCO:

- CHADE — Crise estrutural: [On bad days, we don't eat': Hunger grows for thousands displaced by conflict in Chad](#). **The Guardian**, 17 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- COLÔMBIA — Violência na fronteira: [Muere Jesús Santrich, guerrillero disidente de las FARC, en un ataque](#). **El País**, 18 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- EL SALVADOR — Crise política: [Respuesta de EE. UU. ante destituciones de magistrados y fiscal determinará la situación de El Salvador, según expertos](#). **El Salvador**, 13 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethnic polarisation in Ethiopia raises serious concerns](#). **The Arab Weekly**, 16 mai. 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Shipping gathers together to fight piracy off Nigeria](#). **Splash 247**, 18 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Protests in Lebanon continue in support of Palestine](#). **Al Jazeera**, 14 maio

2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista na região: [More than 10,000 flee jihadist attacks in Niger](#). **Macau News Agency**, 18 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• NIGÉRIA — Ataques insurgentes: [With Nigeria verging on failed-state status, West Africa arrives at a tipping point](#). **The Globe and Mail**, 18 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• SÍRIA — Tensões na região sul: [Millions staring at famine as food insecurity soars: Report](#). **Al Jazeera**, 05 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• SOMÁLIA — Instabilidade Eleitoral: [Trust deficit keeps Somalia's leaders at loggerheads](#). **Institute for Security Studies**, 14 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças entre Rússia e Ucrânia: [Russia's Armed Forces Test Combat Readiness Close to Ukraine's Border](#). **The Jamestown Foundation**, 12 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

► MONITORAMENTO:

• AFEGANISTÃO — Insegurança regional: Government forces clash with Taliban in Afghanistan. **DW**, 16 maio. 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: Going Over the Top in and Around Belarus. **The Jamestown Foundatio**, 12 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• CÁUCASO — Instabilidade Regional:

1. FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito na região de Nagorno-Karabakh: [Armenia accuses Azerbaijan of new territorial 'infiltration'](#). **Al Jazeera**, 13 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

2. GEÓRGIA — Protestos da Oposição: [Georgia opposition leader walks free after EU posts bail](#). **Euractiv**, 11 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• HAITI — Crise institucional: [El muro que separa a República Dominicana de Haití](#). **El País**, 13 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• LÍBIA — Em cessar-fogo: [Libya: Gunmen storm hotel used as Presidential Council HQ](#). **Al Jazeera**, 08 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [New film shines light on Russian military contractors in CAR](#). **Africa News**, 16 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• TAJIQUISTÃO E QUIRGUISTÃO — Disputa fronteiriça: [Kyrgyz, Tajik Nationals Briefly Detained Along Disputed Border Segment](#). **Radio Free Europe**, 17 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [US to make greater use of drones to spy on China, experts say](#). **South China Morning Post**, 16 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Tensões entre Grécia e Turquia e ocupação do Chipre: [Critical weeks for Turkish ties with EU, Greece](#). **Arab News**. 14 maio 2021. Acesso em: 18 maio 2021.